

## A CONSCIÊNCIA DE SI E DO OUTRO EM ERNESTO SABATO<sup>1</sup>

Ms. Inês Skrepetz<sup>i</sup>

*"La mayor nobleza de los hombres es la de levantar su obra en medio de la devastación, sosteniéndola infatigablemente, a medio camino entre el desgarro y la belleza". (Ernesto Sabato, Antes del fin, 1999).*

### RESUMO:

Neste artigo enfocaremos a obra *A Resistência* do autor argentino Ernesto Sabato que, em diálogo com seus romances, discute o processo de desumanização que percorre o cotidiano da vida humana nas últimas décadas. Assim, numa conversão mútua entre o ético e o estético, o autor transforma o seu compromisso crítico e humano em resistência frente aos vários sistemas e poderes desumanizadores da *Modernidade Líquida*, bem como instiga a criação e a recriação de espaços de solidariedade nesse contexto de liquidez.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ernesto Sabato; ética; estética.

### 1- Introdução

Pensando na capacidade e liberdade humana de criar e recriar outros tempos e espaços, bem como de reinventar a própria existência, questões essas que abrangem uma reflexão profunda sobre a humanidade, não se limitando apenas ao contexto argentino, é que Sabato escreve *A Resistência* (2000). Por meio das cinco cartas ensaísticas, que compõem a obra, ele provoca o leitor para a **não-conformação** diante das diversas realidades que subtraem e banalizam os valores humanos e espirituais. Com sua postura comprometida, enfatiza a responsabilidade que cada um deve ter com a vida, com si mesmo e o outro, e o mundo em que vivemos. Por isso sua proposta de resistência penetra o cotidiano.

Ao refletirmos o pensamento de Said (2005) em sua obra *Representações do*

---

1 Como preferência do próprio autor, após escrever *Abadon o exterminador* (in SAUTER, 2005, p. 08), o seu nome será mantido sem acentuação ortográfica: SABATO.

*intellectual*, em que o intelectual pode representar seu papel de diversas maneiras, da mesma forma, podemos dizer que a resistência, como um conceito multifacetado, também pode ser representada, expressada, incorporada, nas palavras de Sabato, encarnada de modos diferentes. Nesse sentido, é importante enfatizar que as obras escolhidas para se pensar esta questão confluem no sentido de que a resistência parte de um princípio ético. Tanto Said, principalmente em sua obra *Cultura e Resistência* (2003), quanto Bosi desde *Dialética da Colonização* (1992) até sua recente obra *Ideologia e Contraideologia* (2010), destacando alguns dos autores mais relevantes nesse momento, ambos discutem a questão da resistência a partir de seu princípio ético e que irá de encontro ao estético, podendo haver, também, a conversão mútua entre ambos.

Cabe aqui esclarecer que não podemos confundir ética com moral, pois conforme o filósofo André Lalande (1999, p. 349): “ Sem dúvida acontece que, de fato, as questões de *Moral* e as de *Ética*, sejam frequentemente misturadas, mas isso não exclui uma distinção muito nítida das suas definições. ” Assim, segue o filósofo, que, com efeito, qualquer hipótese que se adote sobre a natureza e a origem dos princípios da moral, é evidente que os juízos de valor que tratam da conduta são fatos, cujas características cabe determinar. Dessa forma, o estudo da conduta não pode ser substituído pelo estudo direto das características: “ [...] porque a conduta dos homens nem sempre é conforme com os seus próprios juízos sobre o valor dos atos ” , por isso, muitas vezes, a ética é confundida com a moral, ou ainda, com o falso moralismo. É necessário deixarmos claro que ao afirmarmos que a resistência parte de um princípio ético, estamos diferenciando-a da moral.

A moral é um conjunto de hábitos, condutas, crenças, valores culturais de ação e convivência, entre outros. Assim, podemos perceber a diferença nítida entre ambas, pois a ética é a ciência que estuda a moral: como ela surge? como se transforma? como é aplicada? Dentro desse enfoque, a pergunta que se faz é: a ética pode propor fórmulas para atuar na moral? Nesse sentido, ao analisarmos mais precisamente a obra *A Resistência* de Sabato, percebemos a postura crítica do autor, enquanto intelectual, em pensar, justamente, as crenças, os valores, entre outros elementos, gerados na cultura. Desse ponto de vista, o trabalho ético, não se resume em negar completamente a realidade em prol de uma utopia, como coloca Bosi (2010), um não-lugar, que remete a um ideal extremo e que seria o oposto do lugar onde estamos. Por isso, a resistência, pensada a partir de um princípio ético, torna-se uma fórmula alternativa para atuar na moral e na cultura.

Vale ressaltar que ética e moral se alimentam mutuamente, elas dependem uma da outra para continuarem existindo, porém é uma coexistência permeada de tensões. Lalande (1999) enfatiza a nítida diferença entre elas, pois só a partir de certa clareza, pode-se pensar que a própria ética também é uma forma de resistência, porque coloca em crise os valores, costumes, crenças construídos culturalmente, ao mesmo tempo que evidencia, preserva e protege os verdadeiros valores e a relevância que possam conter. Tomando esse pensamento, o trabalho da crítica, nas palavras de Bosi (2002), também

pode ser uma atitude de resistência. Assim como reflete Said (2007), a capacidade de diferenciar o que é diretamente dado e o que pode ser sonegado, dentro da crítica, se constitui em recepção e resistência.

## 2- Ética e estética

Em suas obras, Bosi ressalta que é possível ética e estética se converterem mutuamente, por isso, sua análise está sempre voltada ao exercício de detectar as contradições nos autores e em suas obras. Ele busca mostrar que a literatura, as obras ensaísticas não são apenas espelhos da sociedade, elas são, às vezes, resistências à mesma. Por isso, em *Literatura e Resistência*, Bosi esclarece, primeiramente, que:

Resistência é um conceito originalmente ético, e não estético. O seu apelo mais profundo apela para a força de vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é *in/sistir*, o antônimo familiar é *de/sistir*. (2002, p. 118).

Bosi discute que a resistência, ao se originar de um princípio ético, possui a característica de ser interna ao sujeito, ao contrário da moral que lhe é externa. Dessa forma, a resistência, enquanto princípio ético, parte do inconformismo perante as diversas realidades que constituem a moral e a cultura, é uma força de vontade que não desiste perante a outra força. Por meio da insistência, permeada pela *tensão*, o sujeito se opõe com vigor, mantendo-se firme para a sua resistência. Ela não se remete à conotação de violência física, está além, é a partida para a tomada de consciência, como apresenta Camus em sua obra *O Homem revoltado*: “ [...] a consciência nasce com a revolta. [...] a revolta é o ato do homem inconformado, que tem consciência de seus direitos. ” (1996, p. 33). O escritor ainda enfatiza que esses direitos não tratam apenas do indivíduo: “ [...] trata de uma consciência cada vez mais ampla que a espécie humana toma de si mesma ao longo de sua aventura. ”

Na obra *Literatura e Resistência*, Bosi dedica um capítulo para analisar o pensamento do escritor Albert Camus, ao perpassar por algumas de suas obras, qualifica-o como escritor resistente. Porém, o que seria um escritor resistente? Em entrevista ao *Jornal da USP* (2003), o crítico esclarece: “ É o autor que não apenas reproduz as ideologias dominantes, reduzindo a sua obra em um simples espelho da sociedade. ” Bosi, ainda acrescenta que podemos detectar em certos autores, uma dialética, uma contradição: “ [...] eles resistem ao sistema, e ao mesmo tempo, aderem ao sistema ” , ou seja, existe o *Conformismo* e a *Resistência*, os quais, sintetizando os termos, são opostos significativos, pois, por um lado, o primeiro se restringe à reprodução das ideologias dominantes, o espelho; por outro, o segundo, apresenta uma resposta negativa à mesma, uma interrogação. Desse modo, existem diferentes graus de tensão entre o autor e o seu universo, isto é, pode-se dizer que a *resistência*, por partir de um princípio ético, interno ao indivíduo, parte, também, da

inconformação do mesmo frente às diversas realidades. A reflexão aproxima-se com o pensamento de Camus em que “ a consciência nasce com a revolta ” , pois o ato de resistir parte, juntamente, da *tensão* entre o ser e o mundo e o fruto dessa tensão é a sua consciência crítica, a qual o possibilita incorporar a resistência. Contudo, o que é um ser inconformado, ou nas palavras de Camus, um *homem revoltado*? O próprio escritor responde:

Um homem que diz não. Mas, se ele recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde o seu primeiro movimento. Qual é o significado deste “ não ” ?- Significa, por exemplo, “ as coisas já duraram demais ” , “ até aí sim; a partir daí, não ” ; “ assim já é demais ” e, ainda, “ há um limite que você não vai ultrapassar ” . [...] A revolta não ocorre sem o sentimento de que, de alguma forma e em algum lugar, se tem razão. (CAMUS, 1996, p. 25).

Camus prossegue o seu pensamento colocando a questão, que deve ser levada em conta, de que a revolta não parte apenas do oprimido, mas também de quem percebe a opressão. Assim, é nesse sentido que o autor enfatiza que a consciência que nasce com a revolta está além da reivindicação individual do sujeito por seus direitos. Ao se embasar na solidariedade, trata-se de uma consciência mais ampla e humana. Existe, nesse caso, uma **identificação** com o outro, aquele que sofre, a vítima. O pensamento de Camus se aproxima muito da reflexão de Blanchot em que o intelectual, em estado de vigília, preocupa-se menos com o cuidado de si, mas volta a sua atenção, mais precisamente, ao cuidado dos outros, em sua permanente posição de sentinela.

Assim, retomando o pensamento de Bosi, em que a resistência é uma resposta negativa, uma interrogação às ideologias dominantes, pode-se constatar que dentro de sua obra *Ideologia e Contraideologia* (2010), a sua reflexão prossegue nesse viés. Assim, próximo também à reflexão de Camus, Bosi destaca que a contraideologia é uma forma de resistência. Enquanto “ a ideologia generaliza interesses particulares e os dá como se fossem universais ” , o escritor contraideológico, resistente, combate essa ideologia, ele: “ [...] procura demonstrar que ao lado do que seria o instinto competitivo existe uma tendência solidária. O discurso contraideológico visa ao bem-comum, não particulariza interesses. ” (BOSI, 01/06/2010).

## 2.1- Consciência de si e do outro

A partir das reflexões de Sabato, na obra *A Resistência*, que dialogam com o pensamento dos autores abordados, percebe-se que o inconformismo deve estar acompanhado da solidariedade, caso contrário, como ressalta Camus, será um ato estéril. Dentro desse pensamento, acreditamos ser pertinente aprofundarmos um pouco o conceito de **solidariedade**. Conforme Lalande (1999), o termo designa a relação do

indivíduo com a sociedade, é a consciência de si e do “outro”. A sua característica principal é a consciência de que os seres e as coisas estão interligados de tal maneira que o que acontece a cada um deles repercute no outro ou nos outros. Essa consciência, que etimologicamente também quer dizer cumplicidade, busca alternativas para que a cadeia de relações humanas possa continuar conectada. Desse modo, inspirado em Camus, Sabato reflete como se dá a encarnação da resistência, que não se resume apenas à constatação dos problemas sociais e humanos, mas exige um encontro com o outro. No decorrer da obra, ao incorporar o pensamento de Camus, o seu questionamento, a partir do pensador, e em diálogo intertextual, refere-se justamente: “por quem” e “pelo quê” o ser humano se sacrifica.<sup>2</sup> Por isso, sua crítica se volta ao individualismo, consumismo e competitividade, que acabam sendo, tantas vezes, os motivos pelos quais o ser se “sacrifica”, ou seja, aos quais “dedica a sua vida”. Esse acaba sendo, nas palavras de Camus, um *sacrifício estéril*, assim, para Sabato:

Trata-se de saber, como disse Camus, se seu sacrifício é estéril ou fecundo, e essa é uma questão que deve ser formulada em cada coração, com a gravidade dos momentos decisivos. Nesta decisão reconheceremos o lugar em que cada um de nós é chamado a opor resistência; então serão criados espaços de liberdade capazes de abrir horizontes antes inesperados. (SABATO, 2008, p. 90).

Em nossa provação diária, segundo Camus, a revolta possui o mesmo papel que o *cogito*<sup>3</sup> na ordem do pensamento: “[...] ela é a primeira evidência. Mas essa evidência tira o indivíduo de sua solidão. Ela é um território comum que fundamenta o primeiro valor dos homens. Eu me revolto, logo existimos.” (CAMUS, 1996, p. 35). Dessa forma, a revolta é a consciência de si e do outro, da própria condição humana, pois: “[...] existir é ter consciência de si e do outro, levantar-se, realizar uma ação, ir ao encontro de.” (LALANDE, 1999, p. 343). Desse modo, essa ação/atitude só pode ser realizada a partir do entendimento humano individual para então atingir outras escalas: “O entendimento humano não pode ser realizado numa escala coletiva a menos que antes ocorra numa escala individual.” (SAID, 2003, p.104).

---

2 Uma reflexão próxima à de Said sobre o comprometimento do escritor intelectual, e humanista, sobre o compromisso crítico e humano de cada um.

3 Da conhecida máxima de Descartes (séc.XVI): *Cogito, ergo sum* (Penso, logo existo /ou cogito, duvido, logo sou), a qual Camus transforma em: Eu me revolto, logo existimos.

Camus dá ênfase, ainda, ao aspecto de que o *ser revoltado* não pode privar-se da memória, pois ele é uma tensão contínua. A memória é o fogo que o alimenta, tanto no sentido de conservar sua nobreza de espírito e sua crença nos valores que dignificam a humanidade, quanto na atenção desperta que ela proporciona, evitando a sua “ embriaguez existencial” do suposto presente e, assim, fazendo-o esquecer dos motivos, os quais provocaram o seu inconformismo. O enfraquecimento da memória ocasiona, utilizando o termo de Adorno, o esfacelamento da resistência, por isso, não há como pensar pela perspectiva de que o passado está totalmente resolvido ou pudesse ser esquecido, até porque o presente é produto direto do passado, por isso, o compromisso resistente é contínuo. Pois: “ O que fora a princípio uma resistência irreduzível do homem, converte-se no homem integral que com essa resistência se identifica e nela se resume. ” (CAMUS, 1996, p. 27).

Se a consciência surge também do inconformismo, ela se encontra atravessada pela memória. Por meio desse olhar, a memória é um poderoso instrumento de resistência, como define Said: “ [...] é uma das principais defesas contra um apagamento histórico. É um meio de resistência.” (2003, p. 184), desde que não seja manipulada por ideologias reducionistas e tirânicas. As memórias, tanto individuais quanto coletivas, interagem mutuamente, isso é, se o indivíduo é um ser social, a sua experiência está profundamente mergulhada no convívio social em que ele se encontra inserido. Nesse caso, nas palavras de Said (2003, p. 157), em sua obra *Cultura e Resistência*, assim como a cultura, a memória pode ser uma forma de resistência à própria memória: “ [...] a cultura é uma forma de memória contra a aniquilação ” , que subtrai a dignidade e a solidariedade humana, enfim, todos os seus autênticos valores, por isso a resistência é um processo contínuo.

Para o pensador palestino, só é possível resistir por meio do conhecimento, caso contrário, não se sabe *como, a quem e a quê* se está resistindo. Cultura e resistência são inseparáveis, assim, o escritor-intelectual, o inconformado, com sua contramemória e contradiscurso, como diria Bosi, também, com sua contraideologia, não permitirá que a consciência caia no sono; resgatando o pensamento de Blanchot, ele se mantém em vigília, alertando a si e aos outros sobre a perda de humanidade. Por meio do estado vigilante, o escritor-intelectual resistente não estará apenas “ constatando ” os problemas da realidade e as dissimulações desumanizadoras do sistema social, contudo, estará transformando o seu pensamento em uma espécie de **antídoto**<sup>4</sup> contra: “ [...] as ideologias que envenenam, a indiferença e o silêncio que é cúmplice desta realidade. ” (SABATO, 03/1987).

---

4 Termo utilizado por Bauman em sua obra *Modernidade Líquida*.

Nesse sentido, se a resistência parte de um princípio ético, que discute os valores, as crenças geradas em determinadas culturas, ela também, por sua vez, se opõe às mesmas. Por isso, Said (2003) prosseguirá seu pensamento destacando que cultura e resistência são indissociáveis no sentido de que, juntamente, e em contínua *tensão*, mantêm vivos os movimentos e transformações da própria cultura. Portanto, o conformismo não apenas reproduz intolerâncias, barbáries, entre outros desatinos, mas também não impulsiona como a resistência, enquanto força de vontade contra a “preguiça no coração” , como diria Benjamin, o desenvolvimento da consciência crítica e humana.

Assim, resgatando o pensamento de Bosi, perpassado pelas suas três obras supracitadas, percebemos que sua análise sobre a questão da resistência sempre se voltou para a possibilidade da conversão mútua entre o ético e o estético. Sua busca percorre um vasto campo de pesquisa ao identificar muitos textos literários como “uma formação simbólica grávida de sentimentos e valores de resistência.” (2002, p. 132). Desse modo, os instrumentos de análise fornecidos, nesse caso, por Bosi, voltam-se, a princípio, às narrativas literárias. Contudo, eles nos permitem comprovar que a questão da resistência, aprofundada na obra de “virada de milênio” de Sabato, já está presente, de maneira latente, em escritos anteriores do autor, principalmente em seus romances, isto é, a resistência também se encontra ficcionalizada em: *Sobre Heróis e Tumbas* (1961) e *Abaddon o exterminador* (1974). Consideramos importante enfatizar, novamente, que ao dizermos que a resistência já se encontra em forma latente em outras obras do autor, queremos esclarecer que só em *Antes del fin* (1998) de forma breve e, mais precisamente n’ *A Resistência* (2000), o autor explicita o termo, bem como a sua proposta, a partir de uma profunda relação intratextual, bem como a partir de alguns diálogos intertextuais.

Em sua obra *Literatura e Resistência* (2002, p. 120), Bosi esclarece que a translação de sentido da esfera ética para a estética se dá quando o narrador se coloca a explorar uma força catalisadora da vida em sociedade, em outras palavras, os seus valores: “ [...] à força desse imã não podem subtrair-se os escritores enquanto fazem parte do tecido vivo de qualquer cultura. ” Por isso, a escrita resistente “ abraça e transcende a vida real” , pois “ é atravessada pela tensão crítica.” (2002, p. 130). Por isso, Sabato, ao compor sua proposta, retira fragmentos na íntegra de sua ficção, nos quais, de maneira latente, já se encontra a questão da resistência. Como podemos verificar neste fragmento do romance *Abaddon o exterminador* (1974), em que o autor se torna ficção de sua própria ficção, e discute questões que serão retomadas em suas cartas ensaísticas:

- Señor Sabato, me encantaría pudiese contestarme algunas preguntas: ¿qué opina del boom latinoamericano? [...] ¿Prefiere los días de sol o los nublados? [...] ¿qué piensa de Borges? [...]

- Vea, amigo, dejémonos de tonterías y de una vez por todas digamos la verdad. Pero eso sí: toda la verdad. Quiero decir hablemos de catedrales y prostíbulos, de campos de concentración, de torturas y además de esperanzas. Yo, por lo menos, no estoy para bromas porque me voy a morir. El que sea inmortal que se permita el lujo de seguir diciendo pavadas. Yo no: tengo los días contados (pero qué hombre, amigo periodista, no tiene los días contados, dígame: con la mano sobre el corazón). (SABATO, 2006, p. 221-222). 5

Nesse sentido, a arte resiste à “ mentira ” , ou seja, ela deixa de ser um mero espaço para a fantasia e se torna um espaço em que se apresenta uma verdade exigente, pois a ficção se torna uma problematizadora das questões abordadas pelo escritor em seus ensaios e se encontra atravessada pela sua utopia, que não se define a um não-lugar, mas no desejo de começar a mudança transformadora no “ aqui e agora ” .

### 3- Considerações finais

Na obra *A Resistência*, a proposta de resistência que se encontra aí presente não se pauta somente na concepção do inconformismo. Mais precisamente, ela parte dessa não-conformação e se direciona para a sua incorporação ao cotidiano, por isso ela está permeada por uma *práxis* contemporânea, atitudes e modos alternativos de se proceder, isso é, se a consciência nasce da revolta, a resistência é a incorporação consciente da insatisfação, discernindo perante *o quê* e *como* encarná-la. Se a realidade que se apresenta nos dias atuais, utilizando a expressão de Camus: “ não basta ” , então a força de vontade que impulsiona a resistência anseia por mudança e transformação. Dentro dessa perspectiva, ao mergulharmos mais profundamente na obra *A Resistência*, podemos perceber que a resistência aí proposta possui uma *práxis* contemporânea. Sabato faz um convite para encarná-la no “ aqui e agora ” , com urgência, sem deixá-la para o porvir.

Nas palavras do poeta galiciano Uxío Novoneyra, sonhar é criar, sonhando se cria o amanhã, mas também dá sentido ao hoje e o recria, pois como reflete Bauman (2005), na *modernidade líquida* temos que cuidar para que as vidas não se tornem desperdiçadas. Dessa forma, se as palavras lúcidas, o pensamento crítico são antídotos e formas de resistência às adversidades da liquidez contemporânea, essa mesma resistência cria espaços de solidariedade que dignificam o ser humano, com sua força de vontade contra as banalizações desumanizadoras. Assim, ela exige a criação e a recriação de outras formas de vida e proceder, contudo, as cartas de Sabato carregam:

---

5 Esse fragmento de *Abaddon*, na voz do personagem Sabato, possui uma profunda relação intratextual com o epílogo da obra *A Resistência*: **A decisão e a morte**.



A palavra que diz, a palavra que convoca. A palavra crítica, a palavra também como entusiasmo e festa, a palavra como queira. Literatura como missão, guardadora do passado, como veladora e adiantadora do porvir, ainda que só se adianta o que já está em nós. (NOVONEYRA, 2010).

Nesse sentido, a resistência, ao partir de um princípio ético, coloca em crise os valores constituídos dentro da cultura, assim: **negação/interrogação, resgate/ressignificação e criação/recriação** fazem parte da *práxis* contemporânea que perpassa a proposta do autor. Por isso, apesar das adversidades constatadas na *Modernidade Líquida*, por meio do “ balanço sombrio ” realizado por Sabato, a sua obra de “ virada de milênio ” , como diria Bosi (2002), está grávida de sentimentos e valores de resistência, pois: “ O mundo nada pode contra um homem que canta na miséria. ” (SABATO, 2008, p. 91).

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- BATAILLE, G. **A literatura e o mal**. São Paulo: L&PM, 1989.
- BAUMAN, Z. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BOSI, A. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Ideologia e Contraideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Preces de resistência**. *Entrevistas Carta Capital*. Disponível em: <<http://write4.net/1tb>>. Acesso em: 05/07/2010.
- \_\_\_\_\_. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Entrevista ao Jornal da USP**. Disponível em: <<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2003>>. Acesso em: 18/04/2010.
- CAMUS, A. **O homem revoltado**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CONSTENLA, J. **Medio siglo con Sabato. Entrevistas.** Buenos Aires: textos libres, 2000.

NOVAES, A (org.) **O silêncio dos intelectuais.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NEVONEYRA, U. **Poemas.** <<http://xiadadixital.glogster.com>>. Acesso em 15/08/2010.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da Filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SABATO, E. **Uno y El universo.** Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

\_\_\_\_\_ **La Resistencia.** Buenos Aires: Seix Barral, 2000.

\_\_\_\_\_ **A Resistência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_ **Abaddón, el exterminador.** Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

\_\_\_\_\_ **Antes del fin.** Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

\_\_\_\_\_ **El Túnel.** Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

\_\_\_\_\_ **O Túnel.** São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

\_\_\_\_\_ **Informe sobre ciegos.** Buenos Aires: Emecé, 2008.

\_\_\_\_\_ **Sobre Heróis e Tumbas.** Buenos Aires: Seix Barral, 1980.

\_\_\_\_\_ **España en los diarios de mi vejez.** Buenos Aires: Seix Barral, 2004.

\_\_\_\_\_ **Ideologías.** Periódico *El País*. Barcelona-España, 03/1987.

SAID, E. **Cultura e resistência.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

\_\_\_\_\_ **Humanismo e crítica democrática.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_ **Representações do intelectual.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ZEAL, L. **América como conciencia.** México: Cuadernos Americanos, 1953.

i **Inês SKREPETZ- Prof.a Mestra em Estudos Literários**

pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

E-mail: i.deusanuit@yahoo.com.br